



POLÍTICAS PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO E MULTICULTURALISMO COMO FORMA DE ALIENAÇÃO DOS SUJEITOS

Luana Alves de Oliveira¹
Ana Raquel Lopes Pereira²

RESUMO

Esta comunicação tem como objetivo avaliar como as políticas públicas de educação tem direcionado a educação infantil e demonstrar que a crise que as escolas públicas vivenciam estão diretamente ligadas a necessidade de mão de obra da classe dos empregadores. Tendo em vista que a alienação é o desconhecimento crítico de sua própria realidade enfatizamos que as tendências pedagógicas docentes devem estar ligadas a realidade do aluno, desde os anos iniciais da educação se quisermos formar pessoas realmente conscientes e críticas. Por isso que as tendências pedagógicas e práticas educativas devem estar ligadas ao seu cotidiano, se não o ensino de modo geral se torna alienado do processo de formação dos alunos. Como a formação do cidadão começa na mais tenra idade se faz necessário pensar a educação infantil a partir deste parâmetro. Quando se pretende fazer uma modificação em larga escala na escola, essa mudança tem que ser feita o mais cedo possível na vida do estudante, desde os anos iniciais. Sabemos da dificuldade de mudança desta iniciação da educação, pois essa mudança passa por uma mudança de nós mesmos. Mudança de todo um *imprinting*, conceito de Guattari que dá origem a uma estética da existência. Ou seja, o *imprinting* seria uma forma de se afastar deste modelo em voga. Modelo que muitas vezes nos afasta de quem somos, de nossas vivências e de nossos próprios valores.

Palavras-chave: Educação, Crise, Cotidiano e Educação Infantil.

INTRODUÇÃO

Nosso objetivo inicial é que se perceba as mudanças que nossa sociedade vem passando para que se possa alcançar uma escola que atenda as modernas exigências de uma sociedade cada vez mais evoluída em termos de conhecimento, onde os avanços das telecomunicações, da informatização e descobertas científicas têm provocado aceleradas mudanças que tem transformado radicalmente nosso meio, estas mudanças deve ser acompanhada pela escola. Assim temos uma clara consciência de se discutir sobre gestão,

¹ Doutoranda do Curso de Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, luana.nt@hotmail.com;

²Graduando do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Internacional, - UNINTER, anaraquel.filosofia@hotmail.com



pois para que a escola acompanhe as mudanças atuais é necessário cada vez mais o aprimoramento do conhecimento dos meios tecnológicos. Para realizar tal propósito é indispensável que um planejamento envolvendo todas as atividades, por meio de uma gestão democrática e que tenha a participação de todos os sujeitos da educação. Ou seja: família, alunos, professores... para que assim a educação tenha um papel relevante de fato em nossa sociedade.

Das discussões sobre Gestão Educacional Formal e Informal do curso de Pedagogia, pudemos perceber – na prática – aquilo que já é exaustivamente comentado nas disciplinas de Pedagogia, Psicologia e Desenvolvimento da Aprendizagem, O Processo Didático Planejamento e Avaliação e demais disciplinas que dizem respeito à formação pedagógica do professor; que é o fato contundente de que a Escola faz parte da sociedade, pelo simples fato de que quem faz a escola saiu da sociedade – entenda-se sociedade como um espaço, um tempo e um *regime de verdade* que tem sua historicidade.

Nesse sentido, os conflitos, as tensões, os interesses que afetam a sociedade afetam a “vida escolar”. De tal forma que acreditar que as condições que norteiam o processo docente sejam eminentemente pedagógicas, é uma profunda ingenuidade. As tramas discursivas que fundam as teorias pedagógicas tecem-se na base de motivações interesseiras quase sempre não ditas, basta ver as reformulações curriculares que na década de 1990 se davam de forma internacional, desconsiderando as particularidades de cada sociedade para atender os projetos do “império capitalista” em busca de uma sociedade disciplinada para consumir.³

A crise da escola está intimamente ligada ao processo econômico, assim: “... a educação é pensada sempre como decorrência do perfil do novo trabalhador fabril, das metamorfoses do mundo do trabalho, da empregabilidade, da crise econômica, etc”. (ARROYO, 1999, p.18) Para que se compreenda mais isto faremos uso das teorias marxistas que tem se mostrado tão eficientes para analisar o quadro político de nossa educação. Por exemplo: Há no Brasil hoje dois tipos de escola a da classe dominante que tem acesso aos mais diferentes conhecimentos científicos, deste tipo de escola saem os que vão assumir os mais altos cargos em nossa sociedade. Enquanto por outro lado estão as classes dos mais pobres que são formados e treinados para assumir os cargos de valor salarial baixíssimos e também para formar um grande número de mão de obra excedente, pois com um grande

³ Ver o texto de Circe Maria Fernandes Bittencourt: Ensino de História – Fundamentos e métodos. (p.100)



número de desempregados apitos para exercer esse tipo de função que são destinados aos mais pobres, o salário dos empregados dos grandes proprietários só tendem a se desvalorizar.

Assim, a classe dominante une o útil ao agradável, com a escola dos mais pobres eles adquirem mão de obra barata e ainda tem um meio de controlar as massas em suas mãos, é por isso que a escola no tipo de sociedade atual estará sempre em crise, pois estará sempre tendo que se modificar para suprir a demanda de mão de obra dos grandes proprietários.

Uma educação de qualidade e crítica deve atuar desde os anos iniciais para que nossas crianças cresçam tendo consciência da realidade de forma crítica. Isso é um projeto ambicioso para educação e representa um sério risco para a elite deste país pois se seus trabalhadores que vivem da “mão a boca” começa a refletir e se rebelar contra o sistema capitalista, então a sociedade começa a arrancar os seu grilhões, e a escola deixa de exercer sua função que é formar corpos dóceis.

METODOLOGIA

Nos utilizamos da metodologia semântica discursiva o conceito de "semântica discursiva", parte do pressuposto que uma obra se constitui a partir de uma formação discursiva. Nessa perspectiva metodológica, a análise das obras não se fechará tal qual um olhar formalista na própria obra. Trata-se de, a partir da ideia de formação discursiva, problematizar as condições epistêmicas que possibilitaram o plano de imanência do texto, dos personagens e de suas ações. Trata-se não de chegar à essência temática das obras, mas de ler as obras conceitualmente.

Pois ao ler um texto não lemos com os olhos, mas com conceitos. Este projeto se propõe a ver as discussões sobre as políticas públicas a partir do pressuposto metodológico da hermenêutica. Nessa perspectiva, entender a discursividade do texto, a semântica discursiva do texto não passa por um exercício metodológico que tenha como preocupação alcançar uma suposta essência temática da obra, mas compreender a trama, os personagens, as ações como lugares constituídos e constituintes de sentidos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO



Os anos iniciais do ensino fundamental compreendem a fase que engloba as séries do 1º ao 5º ano. Etapa onde não se tem pela LDB a obrigatoriedade da língua estrangeira e etapa que pode ser ministrada pelo que a BNCC denomina de professor generalista. A partir do 6º ano tem-se o que este mesmo texto chama de professores especialistas. Mas o que a BNCC propõe para esta fase?

A primeira questão que este texto chamará atenção é que os anos iniciais do ensino fundamental se inserem como espaço de transição na realidade escolar, visto que marcam também a passagem da etapa da educação infantil para o ensino fundamental:

“A transição entre essas duas etapas da Educação Básica requer muita atenção, para que haja equilíbrio entre as mudanças introduzidas, garantindo integração e continuidade dos processos de aprendizagens das crianças, respeitando suas singularidades e as diferentes relações que elas estabelecem com os conhecimentos, assim como a natureza das mediações de cada etapa. Torna-se necessário estabelecer estratégias de acolhimento e adaptação tanto para as crianças quanto para os docentes, de modo que a nova etapa se construa com base no que a criança sabe e é capaz de fazer, em uma perspectiva de continuidade de seu percurso educativo.” (BRASIL 2017, p.55)

Dessa forma, o cuidado também marca esse momento, visto que implica na consideração da criança enquanto sujeito de conflitos e de desejos que não podem ser desconsiderados no universo escolar.

Partindo desse entendimento da criança como sujeito de memórias e de afetos, a BNCC aponta que informações contidas em relatórios, portfólios ou outros registros que evidenciem os processos vivenciados pelas crianças ao longo de sua trajetória na Educação Infantil podem contribuir para a compreensão da história de vida escolar de cada aluno do Ensino Fundamental. Dessa forma, conversas ou visitas e troca de materiais entre os professores das escolas de Educação Infantil e de Ensino Fundamental – Anos Iniciais também são importantes para facilitar a inserção das crianças nessa nova etapa da vida escolar. (BRASIL, 2017)

Para que as crianças superem com êxito os desafios da transição, faz-se necessário construir um equilíbrio entre as mudanças introduzidas, a continuidade das aprendizagens e o acolhimento afetivo, de modo que a nova etapa se construa com base no que os educandos sabem e são capazes de fazer, evitando a fragmentação e a descontinuidade do trabalho pedagógico. Nessa direção, considerando os direitos e os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento, apresenta-se a síntese das aprendizagens esperadas em cada campo de experiências. Essa síntese deve ser compreendida como elemento balizador e indicativo de



objetivos a ser explorados em todo o segmento da Educação Infantil, e que serão ampliados e aprofundados no Ensino Fundamental, e não como condição ou pré-requisito para o acesso ao Ensino fundamental. (BRASIL, 2017)

A síntese sobre a qual a BNCC fala configura-se a partir do quadro que segue:

SÍNTESE DAS APRENDIZAGENS:

O eu, o outro e o nós. Neste campo de experiência as aprendizagens que devem servir de eixo para os anos iniciais são: Respeitar e expressar sentimentos e emoções, Atuar em grupo e demonstrar interesse em construir novas relações, respeitando a diversidade e solidarizando-se com os outros e conhecer e respeitar regras de convívio social, manifestando respeito pelo outro.

Corpo, gestos e movimentos. Neste segundo campo de experiência, as aprendizagens que devem nortear a transição para os anos iniciais são: Reconhecer a importância de ações e situações do cotidiano que contribuem para o cuidado de sua saúde e a manutenção de ambientes saudáveis, apresentar autonomia nas práticas de higiene, alimentação, vestir-se e no cuidado com seu bem-estar, valorizando o próprio corpo, utilizar o corpo intencionalmente (com criatividade, controle e adequação) como instrumento de interação com o outro e com o meio .e , por fim, coordenar suas habilidades manuais.

Traços, sons, cores e formas. Neste terceiro campo de experiência, as aprendizagens a serem buscadas, reforçadas nos anos iniciais do ensino fundamental seriam: Discriminar os diferentes tipos de sons e ritmos e interagir com a música, percebendo-a como forma de expressão individual e coletiva, expressar-se por meio das artes visuais, utilizando diferentes materiais, relacionar-se com o outro empregando gestos, palavras, brincadeiras, jogos, imitações, observações e expressão corporal.

Escuta, fala, pensamento e imaginação. No quarto campo de experiência , predominariam para efeito da escola promover uma transição para os anos iniciais sem trauma e sem rupturas, as seguintes aprendizagens: Expressar ideias, desejos e sentimentos em distintas situações de interação, por diferentes meios, Argumentar e relatar fatos oralmente, em sequência temporal e causal, organizando e adequando sua fala ao contexto em que é produzida, ouvir, compreender, contar, recontar e criar narrativas, conhecer diferentes gêneros e portadores textuais, demonstrando compreensão da função social da escrita e reconhecendo a leitura como fonte de prazer e informação.



Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações. Neste último campo de experiência devem predominar na transição para os anos iniciais as seguintes aprendizagens: Identificar, nomear adequadamente e comparar as propriedades dos objetos, estabelecendo relações entre eles, interagir com o meio ambiente e com fenômenos naturais ou artificiais, demonstrando curiosidade e cuidado com relação a eles, utilizar vocabulário relativo às noções de grandeza (maior, menor, igual etc.), espaço (dentro e fora) e medidas (comprido, curto, grosso, fino) como meio de comunicação de suas experiências, utilizar unidades de medida (dia e noite; dias, semanas, meses e ano) e noções de tempo (presente, passado e futuro; antes, agora e depois), para responder as necessidades e questões do cotidiano, Identificar e registrar quantidades por meio de diferentes formas de representação (contagens, desenhos, símbolos, escrita de números, organização de gráficos básicos etc.)

O que se observa na BNCC é uma preocupação no que diz respeito aos anos iniciais do ensino fundamental com a questão da ruptura que a criança pode sofrer na passagem de uma etapa – educação infantil – para outra etapa da educação básica: o ensino fundamental:

Também se verifica o cuidado e a preocupação com as mudanças de fase dentro do próprio ensino fundamental:

“Além desses aspectos relativos à aprendizagem e ao desenvolvimento, na elaboração dos currículos e das propostas pedagógicas devem ainda ser consideradas medidas para assegurar aos alunos um percurso contínuo de aprendizagens entre as duas fases do Ensino Fundamental, de modo a promover uma maior integração entre elas. Afinal, essa transição se caracteriza por mudanças pedagógicas na estrutura educacional, decorrentes principalmente da diferenciação dos componentes curriculares. Como bem destaca o Parecer CNE/CEB nº 11/2010, “os alunos, ao mudarem do professor generalista dos anos iniciais para os professores especialistas dos diferentes componentes curriculares, costumam se ressentir diante das muitas exigências que têm de atender, feitas pelo grande número de docentes dos anos finais” (BRASIL, 2010). Realizar as necessárias adaptações e articulações, tanto no 5º quanto no 6º ano, para apoiar os alunos nesse processo de transição, pode evitar ruptura no processo de aprendizagem, garantindo-lhes maiores condições de sucesso.” (BRASIL, 2017, p.61)

Com relação à primeira transição, da educação infantil para os anos iniciais, a BNCC propõe que os anos iniciais devem valorizar as situações lúdicas de aprendizagem, apontando assim para a necessária articulação com as experiências vivenciadas na Educação Infantil. Articulação que deve prever a progressiva sistematização das experiências, mas também o desenvolvimento, pelos alunos, de novas formas de relação com o mundo, novas possibilidades de ler e formular hipóteses sobre os fenômenos, de testá-las, de refutá-las, de



elaborar conclusões, em uma atitude ativa na construção de conhecimentos. A BNCC, ao pensar os anos iniciais, pensa-os a partir do eixo de mudanças:

“Nesse período da vida, as crianças estão vivendo mudanças importantes em seu processo de desenvolvimento que repercutem em suas relações consigo mesmas, com os outros e com o mundo. Como destacam as DCN, a maior desenvoltura e a maior autonomia nos movimentos e deslocamentos ampliam suas interações com o espaço; a relação com múltiplas linguagens, incluindo os usos sociais da escrita e da matemática, permite a participação no mundo letrado e a construção de novas aprendizagens, na escola e para além dela; a afirmação de sua identidade em relação ao coletivo no qual se inserem resulta em formas mais ativas de se relacionarem com esse coletivo e com as normas que regem as relações entre as pessoas dentro e fora da escola, pelo reconhecimento de suas potencialidades e pelo acolhimento e pela valorização das diferenças.” (BRASIL, 2017, p.60)

Para a BNCC, as características dessa faixa etária demandam um trabalho no ambiente escolar que se organize em torno dos interesses manifestos pelas crianças, de suas vivências mais imediatas para que, com base nessas vivências, elas possam, progressivamente, ampliar essa compreensão, o que se dá pela mobilização de operações cognitivas cada vez mais complexas e pela sensibilidade para apreender o mundo, expressar-se sobre ele e nele atuar.

Salientando que, segundo a BNCC, nos dois primeiros anos do Ensino Fundamental, a ação pedagógica deve ter como foco a alfabetização, de forma a garantir amplas oportunidades para que os alunos se apropriem do sistema de escrita alfabética de modo articulado ao desenvolvimento de outras habilidades de leitura e de escrita e ao seu envolvimento em práticas diversificadas de letramentos. Seguindo, pois o Parecer CNE/CEB nº 11/201029, “os conteúdos dos diversos componentes curriculares [...], ao descortinarem às crianças o conhecimento do mundo por meio de novos olhares, lhes oferecem oportunidades de exercitar a leitura e a escrita de um modo mais significativo” (BRASIL, 2010).

Espera-se que nos anos iniciais do Ensino Fundamental, a progressão do conhecimento aconteça a partir da consolidação das aprendizagens anteriores e pela ampliação das práticas de linguagem e da experiência estética e intercultural das crianças, considerando tanto seus interesses e suas expectativas quanto o que ainda precisam aprender. Ampliam-se a autonomia intelectual, a compreensão de normas e os interesses pela vida social, o que lhes possibilita lidar com sistemas mais amplos, que dizem respeito às relações dos sujeitos entre si, com a natureza, com a história, com a cultura, com as tecnologias e com o ambiente. (BRASIL, 2017)



O Ensino fundamental no seu todo, anos iniciais e finais, está organizado a partir do conceito de áreas, diferente da educação infantil que está organizada a partir do conceito de campos de experiências.

O ensino fundamental se organiza a partir das seguintes áreas: linguagens, matemática, Ciências da Natureza, Ciências humanas e Ensino Religioso. Sendo que o ensino religioso, que se constitui em área e componente curricular obrigatório em termos de oferta na escola pública é facultativo ao aluno do ensino fundamental, tanto dos anos iniciais quanto dos anos finais.

É importante chamar atenção que a escola deve levar em consideração nos anos iniciais do ensino fundamental a interação com o meio como forma de garantir a aprendizagem e também a autonomia da criança, pois:

“O desenvolvimento infantil está pautado na interação com o meio, segundo Vygotsky a criança aprende e depois se desenvolve, deste modo, o desenvolvimento de um ser humano se dá pela aquisição/aprendizagem de tudo aquilo que o ser humano construiu socialmente ao longo da história da humanidade. Ao se tratar de escola, estamos em um âmbito mais aprofundado, pois para além de transmitir o conhecimento acumulado, este processo deve se dar de forma organizada de modo que, todas as ações realizadas pela escola e seus profissionais devem ser pensadas, refletidas, discutidas e planejadas, pois todas as ações devem ter intencionalidade e finalidade.” (DUARTE E BATISTA, s.d. p. 2)

Sobre essa questão da intencionalidade é importante revisitar o que propõe a BNCC:

“Essa concepção de criança como ser que observa, questiona, levanta hipóteses, conclui, faz julgamentos e assimila valores e que constrói conhecimentos e se apropria do conhecimento sistematizado por meio da ação e nas interações com o mundo físico e social não deve resultar no confinamento dessas aprendizagens a um processo de desenvolvimento natural ou espontâneo. Ao contrário, impõe a necessidade de imprimir intencionalidade educativa às práticas pedagógicas...” (BRASIL, 2017, p. 38)

Essa observação é pertinente, tanto para a educação infantil, quanto para os anos iniciais do ensino fundamental porque um dos eixos das atividades pedagógicas é o brincar. Entretanto, esse eixo não pode servir para balizar práticas pedagógicas sem planejamento, sem reflexão e sem direção. Essas três categorias configuram a intencionalidade pedagógica sobre a qual fala tão contundentemente a BNCC.



O que se deve perguntar diante de tudo isso é se temos nas Políticas Públicas de Educação todo um direcionamento para a importância de uma educação voltada para o cotidiano da criança, para o multiculturalismo. por que vemos na prática educativa cada vez mais um distanciamento da vida cotidiana do aluno? o ensino de modo geral se torna cada vez mais alienado do processo de formação dos alunos. Analisando as Políticas Públicas de Educação podemos observar que este modelo multiculturalista como sendo um projeto de modelo universal não deu certo porque cometemos alguns enganos como por exemplo quando tomamos como sinônimos palavra como diversidade e diferença pois:

“Em geral, a identificação conceitual entre diferença e diversidade esconde as desigualdades, e fundamentalmente as diferenças. Sob o manto da diversidade o reconhecimento das várias identidades e/ou culturas, vem sobre a égide da tolerância, tão em voga, pois pedir tolerância ainda significa manter intactas as hierarquias do que é considerado hegemônico, além do que a diversidade é a palavra chave da possibilidade de ampliar o campo do capital que penetra cada vez mais subjetividades antes intactas. Vendem-se produtos para a diferença, é preciso neste sentido incentivá-las.”
(ABRAMOWICZ, RODRIGUES E CRUZ, 2011, p.91.)

O discurso norte americano tão em voga em nosso país sobre diversidade, diferenças e tolerancia cultural surgiu não para mudar a estrutura de nossa sociedade e por fim a hierarquias, mas pelo contrário foi uma resposta para mais uma vez ludibriar as camadas sociais mais carentes e para ampliar o capital.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim podemos concluir que os direcionamentos dados a educação em nosso país embora sejam imantados de uma certa beleza pois ludibria a sociedade dos marginalizando se fazendo acreditar que sua voz foi escutada, só que é mais uma ferramenta do capital para tornar o processo de educação alienado do processo de formação dos alunos. não haverá solução para a crise na escola enquanto não houver uma verdadeira revolução nesse sistema injusto e desumano, uma vez que a escola é produto do meio social em que vivemos, então se o meio social se modifica a escola acompanha essas mudanças. E que ao entrarmos em uma sala de aula temos que ter a certeza de que devemos levar em consideração as práticas pedagógicas de um modo geral tentando trazer para a realidade do aluno aquela que melhor se encaixa no seu perfil, e que o segredo para que haja uma boa aula está antes de tudo no professor e não nos recursos que ele utiliza.



REFERÊNCIAS

TONET, Ivo. Educação e cidadania. Campinas, São Paulo: Editora Átomo, 2001.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

FERREIRA, Jane Reis. Prática Educativa. São Paulo: Graal, 1995.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**: Educação é a base. 2017. Disponível em:

http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf

DUARTE, Bruna da Silva e BATISTA, Cleide Vitor Mussin. **DESENVOLVIMENTO INFANTIL**: Importância das Atividades Operacionais na Educação Infantil. Anais da XVI Semana de Educação, sd. Disponível em: <file:///C:/Users/Neww/Downloads/DESENVOLVIMENTO%20INFANTIL>.